

A pesquisa no museu e sobre o museu¹

Vinos Sofka*

Tradução: T. Scheiner (2009)

Vinos Sofka, nascido em 1929 na República Tcheca, é um dos nomes emblemáticos da Museologia mundial.

Doutor em Ciências Jurídicas pela Charles University - Praga, Rep. Tcheca -1952, participou ativamente dos movimentos políticos de seu país, do qual exilou-se em 1968. Após uma passagem pela Grécia, emigrou para a Suécia, adotando a cidadania sueca e iniciando seu contato com o campo museológico. Atuou como curador e diretor administrativo do Museu Nacional de História de Estocolmo, onde, entre muitos outros projetos, desenvolveu uma emblemática exposição sobre os vikings.

Membro do ICOM, foi um dos criadores do **Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM** -, que presidiu de 1983 a 1989. Durante este período, o ICOFOM abriu-se para a comunidade acadêmica e pluralizou o estudo e o debate sobre a Museologia Teórica, chegando a ter mais de mil membros ao final de seu mandato.

Vinos foi o grande estimulador dos estudos de Museologia e o responsável pelo desenvolvimento da Teoria Museológica a nível internacional. Seu empenho e dedicação, comprovados pela organização de inúmeros simpósios internacionais e pela edição de dezoito livros com textos originais de especialistas de diferentes países, foram determinantes para o desenvolvimento da Museologia como campo disciplinar.

Este trabalho possibilitou aos teóricos do ICOFOM passar da análise das práticas realizadas em museus para o Museu como objeto de estudo - e permitiu que se reivindicasse, para a Museologia, o estatuto de disciplina acadêmica.

No ICOFOM, o debate acadêmico se faz tendo como base a produção e análise de textos teóricos sobre questões específicas - a partir de fundamentos filosóficos e científicos. A contribuição de um significativo grupo de especialistas de todas as regiões do mundo, coordenada por Sofka, permitiu o aprofundamento das questões estudadas, levando a uma crescente valorização da Museologia no panorama acadêmico. Esta produção alcança hoje mais de 5 mil páginas de textos inéditos, em diferentes idiomas, constituindo o maior volume de textos existente sobre a teoria da Museologia.

Vinos foi também, entre 1992 e 1995, **Vice-presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM)**, tendo-se destacado pela defesa de uma atuação mais democrática do ICOM e da liberdade de expressão nos museus de todo o mundo.

Pelo trabalho realizado na Museologia Teórica e pela Colaboração Cultural Internacional, Vinos Sofka foi agraciado, em 1991, com o título de **Doutor Honoris Causa em Filosofia e Artes Liberais**, pela Universidade de Uppsala, Suécia.

Seu trabalho estende-se ainda ao desenvolvimento dos museus e da Museologia nos países da extinta União Soviética e nas regiões que se libertaram de sistemas opressivos de governo. O Movimento Internacional **Da Opressão à Democracia**, por ele criado com este objetivo, congrega universidades e institutos de pesquisa em 30 países da Europa, América

* Museu Nacional de História, Estocolmo, Suécia.

¹ In: JELÍNEK, Jan; SLANÁ, Věra (Org.) Possibilities and Limits of Scientific Research typical for the museums / Possibilités et limites de la recherche scientifique pour les musées. ICOM-International Committee for Museology / Comité International pour la Muséologie. Published by the Secretarial Office of the ICOM International Committee for Museology. Brno, Tchécoslováquia, 1978. p. 58-68.

Latina² e África e deu origem à **Cátedra UNESCO Museologia e Patrimônio**, por ele criada na Universidade de Masaryk, em Brno, República Tcheca.

Desde 1995, Vinos Sofka é Presidente Honorário e Consultor Permanente do ICOFOM. Em 2007, foi agraciado com o título de Membro Emérito do ICOM, pelos serviços prestados à Museologia de todo o mundo.

O artigo que apresentamos no *Revisitando* é um dos primeiros de Sofka sobre teoria museológica e trata da importância da pesquisa científica nos museus e para os museus. Foi publicado originalmente no livro “Possibilidades e Limites da Pesquisa Científica para os Museus”, organizado por Jan Jelínek e Verá Sláňa, editado pelo ICOFOM em 1978. É um artigo inédito no Brasil e ainda pouco conhecido pela comunidade museológica.

A Revista *Museologia e Patrimônio* sente-se honrada em apresentar este artigo, recorte do pensamento deste grande profissional, em homenagem aos seus oitenta anos, cumpridos no dia 04 de julho último. A tradução e edição em português foi aprovada pelo autor e possibilitada pela reprodução, em meio digital, de toda a obra de Sofka - trabalho realizado por Suzanne Nash e editado pelo Musée Royal de Mariemont, Bélgica, sob a coordenação de François Mairesse e disponibilizado para os membros do ICOFOM nos oitenta anos do autor.

O museu e o mundo moderno

O papel do museu na sociedade de hoje [é um tema que] vem sendo frequentemente trazido à discussão, em vários contextos. Muito já foi dito sobre o que se espera dos museus. Em diversas ocasiões o ICOM, em particular, levantou a questão, e já em 1974 a Assembleia Geral escolheu, como principal tema para discussão, “O Museu e o Mundo Moderno”.

O desenvolvimento do mundo não deixou de afetar e causar mudanças no museu. A sociedade e seus diferentes componentes - a comunidade, a região, o Estado, a Nação, etc. - colocam novas demandas para os museus. Para fazer frente a essas demandas, os museus desenvolveram, ativa e propositalmente, um processo interno de mudança e de adaptação.

A longa e interessante evolução do Museu, das ‘coleções’ do rei Nabonidus e, um pouco mais tarde, do imperador Adriano ao museu atual, reflete as várias demandas sobre os museus e os vários papéis do Museu através do tempo. Foi uma longa caminhada, desde a tarefa de coletar e posteriormente dispor, sistematizar e preservar objetos para a de iniciar e desenvolver estudos e pesquisas sobre as coleções de museus. E mais ainda, foi apenas no início deste século³ que a função educacional passou a ser considerada uma das mais importantes tarefas dos museus.

Hoje, grandes museus centrais coexistem com pequenos museus locais, todos prontos a servir à sociedade. Os primeiros, como estabelecimentos-padrão de coleções, pesquisa e educação, com centenas de especialistas e acesso às mais avançadas técnicas e tecnologias; os últimos, desenvolvendo o que pode ser ainda mais importante, um contato mais próximo e imediato com suas próprias comunidades.

A pesquisa - uma das principais tarefas dos museus

O pré-requisito lógico que permite aos museus desempenhar seu papel nos dias atuais é o amálgama entre as suas três principais funções, isto é, preservar, pesquisar e difundir conhecimento. Estas três tarefas não têm o mesmo valor e importância, sendo cada uma delas uma condição para as duas outras a serem desenvolvidas.

Sem pesquisa no campo do Museu - para abordar o tema desta conferência - a função de coleta, registro e preservação seria incompleta e frequentemente impossível. Nem

² Entre as universidades associadas está a UNIRIO, com o projeto de pesquisa Museologia e Sociedades em Transformação, vinculado ao PPG-PMUS.

³ [N.T.] O autor refere-se ao século 20.

haveria qualquer conhecimento a ser difundido para o público. Na melhor das hipóteses, o museu seria uma coleção de objetos - talvez registrados, conservados e restaurados - mas não mais do que isso. Uma fonte ou reserva de conhecimento, mas sem utilização. Isto é algo que não desejamos hoje, algo que de forma alguma corresponde à idéia moderna de museu. Desejamos saber que objetos coletamos e porquê. Desejamos saber em que medida nossos objetos relacionam-se entre si e, mais que tudo, com o mundo à nossa volta - natureza e humanidade. E desejamos difundir o conhecimento que adquirimos examinando os nossos objetos. Desta forma, estaremos aptos a colocar os resultados de nossas pesquisas à disposição da comunidade.

Limites e possibilidades da pesquisa disciplinar nos museus

Assim sendo, a pesquisa disciplinar nos museus torna-se uma necessidade. Todos concordamos com isso. Esta é uma das principais conclusões de nosso tema principal. Mas é mais fácil dizer do que fazê-lo. O limite de pessoal e de recursos econômicos não é fator insignificante, tanto para os grandes museus como para os museus menores. Os grandes museus encontram freqüentes dificuldades em reivindicar mais recursos econômicos, os recursos nunca são adequados para as extensas tarefas dos museus. A redução e/ou realocação forçada das atividades e entre os diferentes ramos de atividades frequentemente resulta num desequilíbrio entre as tarefas fundamentais do museu. Frequentemente ocorre que as necessidades mais básicas e vitais recebam a maior fatia do bolo, enquanto a pesquisa tem que se satisfazer com o que sobra, ou aguardar melhores dias que virão.

Também não é fácil - mesmo para os museus maiores - reivindicar seu direito à pesquisa. A organização da pesquisa e da educação deve ser planejada de diferentes formas, da cooperação e coordenação ao caso extremo onde as funções são totalmente separadas uma da outra: a pesquisa é desenvolvida por uma instituição de pesquisa, a tarefa educacional é atribuída a outros órgãos, e os museus são feitos para servir como reservas de objetos, abrigando informações acumuladas e apenas excepcionalmente servindo para uma investigação despreocupada. A pesquisa de campo é muitas vezes eliminada das atividades dos museus, interrompendo o processo de investigação lógica e de avaliação.

Quais seriam, então, as possibilidades de mudar esta situação e esta atitude, uma vez que elas continuam se apresentando? Como poderemos ultrapassar os reais obstáculos que restringem as possibilidades de pesquisa nos museus - os quadros organizacionais existentes, tão difíceis de aumentar ou modificar; a carga administrativa e outras tarefas para as quais o curador não está treinado e que consomem todo o seu tempo; os recursos inadequados de pessoal e de material que não raramente caracterizam o campo cultural, sendo o museu sempre o último a obter sua parte?

O primeiro passo é uma cooperação sensível, isenta de prestígio, entre todos aqueles que, no interesse da causa, possam contribuir para a pesquisa avançada, orientada para campos específicos e interdisciplinar. Numa primeira instância, e prioritariamente, entre museus - os grandes e os pequenos, os centrais, os regionais e os locais. Em segundo lugar, entre museus e instituições de pesquisa e universidades. Em ambos os casos, deverá haver cooperação tanto em nível nacional como internacional.

Assim como a enorme base de fatos existente nos museus, sob a forma de objetos originais, encontra-se aberta à pesquisa externa, todos os equipamentos sofisticados e toda a informação coletada e trabalhada sob a forma de bibliotecas, arquivos, registros, cartões de indexação, bases de dados, etc., que outros órgãos de pesquisa têm à sua disposição devem ser disponibilizados para o curador do museu. Coordenação, co-processamento e cooperação devem ser as palavras-chave.

Do ponto de vista mais geral, existe apenas uma ciência. Não importa onde seja desenvolvida, ela tem o mesmo valor e a mesma importância, desde que responda às demandas qualitativas que lhe sejam feitas. As mesmas condições devem, portanto, ser aplicadas. É direito e mesmo dever dos museus desenvolver pesquisas, e eles deveriam ter o mesmo 'status' das demais instituições de pesquisa. Ser um curador deveria,

obviamente, ser tão ‘adequado’ quanto ser um pesquisador ‘genuíno’. Mais do que isso - [a pesquisa no museu] deveria receber os mesmos recursos. Isto facilitaria o recrutamento e a consolidação da autoconfiança dos curadores.

O desenvolvimento dos museus deveria ser feito tanto em termos de pessoal como de equipamentos, de modo que eles pudessem desenvolver pesquisas. O que se necessita para atingir tais metas é poder de convencimento e fortes argumentos. Em cada país, os órgãos que decidem sobre a alocação e a priorização de recursos devem compreender que os museus de hoje não consistem apenas de prateleiras abrigando centenas de objetos inúteis e empoeirados. Eles devem entender que ao preservar, pesquisar e disseminar conhecimento sobre nosso meio ambiente natural e cultural, o museu pode ajudá-los a solucionar os problemas sociais.

Mas há ainda um outro modo de atuação. É propiciar aos curadores atuais e futuros todo o conhecimento necessário sobre o próprio museu - esta formidável combinação de reserva de objetos e base informacional, instituição de pesquisa e meio de educação de massas. Um curador dotado de tal conhecimento museológico poderá, com segurança e autoconfiança, enfrentar todas as demandas que se apresentam, hoje, aos museus. Muitos problemas cotidianos desapareceriam, a perda desnecessária de tempo diminuiria e haveria tempo para a pesquisa disciplinar.

Pesquisa sobre o Museu - uma parte indispensável da pesquisa no museu

Devido a suas características, o museu moderno coloca extensas e complexas exigências sobre aqueles que ali escolheram trabalhar. Estas podem ser brevemente expressas nos seguintes termos:

1. Além do conhecimento especializado no campo específico das coleções, um curador deve ter uma visão ampla e abrangente de toda a esfera museológica. Todas as atividades de um museu são integradas e isso constitui parte essencial do trabalho museológico. Focalizando as coleções, os museus baseiam e desenvolvem seu trabalho segundo resultados produzidos por muitos outros ramos independentes de pesquisa, equivalentes ao próprio objeto científico de estudo das coleções. Contribuições amadorísticas do curador não são mais [consideradas] adequadas pela comunidade atual. Exigir que o curador deva ser qualificado e esteja familiarizado em todos os ramos da ciência que dizem respeito ao trabalho no museu seria, entretanto, absurdo. Contudo, além da qualificação para uma disciplina específica, é altamente necessário que ele tenha uma formação geral, de caráter museológico. O curador deve ter a oportunidade de obter essa formação, não apenas durante o tempo em que está estudando e se preparando para seu futuro trabalho. Durante os seus anos de atividade, ele também necessita de qualificação complementar no campo, para estar em dia com a evolução dos vários ramos da ciência e com os resultados alcançados, e que podem ser de grande importância para o trabalho no museu.
2. Além do ramo de pesquisa referente às suas coleções específicas, o museu moderno, quando preenche suas tarefas primordiais, é também afetado por questões que são investigadas e pesquisadas por várias ciências não abrangidas [diretamente] pelo museu e pela pesquisa disciplinar que nele se desenvolve. Tomemos como exemplo a sociologia, a psicologia, a pedagogia, a estética, as técnicas de informação e comunicação, a engenharia estrutural, a eletrônica, a informática, a engenharia de transportes, a estatística, a economia, o direito e muitas outras áreas. Estas áreas de pesquisa têm seus próprios campos de atividade, mais ou menos relacionados aos museus. É raro que elas iniciem pesquisas por conta própria sobre os problemas dos museus. Vários encontros internacionais com público interdisciplinar têm mostrado claramente que outros ramos da ciência quase nada sabem sobre o papel, o trabalho e os problemas dos museus, ou sobre a ajuda e cooperação que lhes podem prestar. Despertar o interesse [dessas áreas] para os problemas dos museus, iniciar pesquisas interdisciplinares e cooperar em pesquisas [já existentes] são tarefas

importantes para um curador. A percepção e o entendimento do curador sobre a necessidade de cooperação interdisciplinar e sua maestria na arte de trazer para o museu e coordenar toda a *expertise* necessária são de grande importância para o futuro desenvolvimento do museu. Não [se trata aqui de] uma visão estreita do museu e de seu papel, vinculada a um tema específico, mas de um amplo *insight* sobre todo o campo museológico e uma clara percepção de que todo museu, grande ou pequeno, especializado ou não, é uma instituição onde se faz necessário o pensamento interdisciplinar.

3. Uma sólida base científica é um pré-requisito para o preenchimento bem sucedido das crescentes tarefas dos museus, para o seu desenvolvimento futuro, para a solução rápida e objetiva de vários problemas dos museus em toda a sua amplitude, bem como para a desejada qualificação do curador. Uma pesquisa ativa e aplicada sobre o museu e sua organização - uma pesquisa que coloque questões, que comece com o trabalho que está sendo desenvolvido e que possa sempre voltar-se para o futuro; que considere o que ocorre nos demais campos da ciência e que seja de interesse para o objeto central da pesquisa - o museu. Uma pesquisa construída sobre bases interdisciplinares, que coordene as diferentes ciências, focalizando os museus e sua organização.

Diversas tentativas foram feitas para definir mais claramente esta ciência do Museu - que hoje se denomina Museologia⁴.

Não é intenção do autor, entretanto, analisar aqui este conceito ou responder exaustivamente a esta questão. Nem debater aqui o argumento sobre o fato de que a Museologia não é uma ciência. Digamos, entretanto, que a pesquisa aplicada e comparada é predominante na Museologia - mas há certamente um número expressivo de questões e de problemas de pesquisa que afetam apenas os museus e que, conseqüentemente, constituem pesquisa básica em museologia.

Existem, além disso, no mundo, inúmeras instituições que desenvolvem pesquisa museológica e que oferecem formação em museologia. Livros e teses já foram publicados sobre o assunto. A resposta à questão acima deverá ser encontrada neles. Estabelecamos pragmaticamente aqui que museus e curadores necessitam deste suporte teórico em seu trabalho diário, [bem como] em sua formação.

Os limites e as possibilidades da Museologia

Façamos, portanto, um chamamento à pesquisa museológica. E para dar condições, possibilidades e limites a esta pesquisa, pode-se aplicar o que já foi dito sobre a pesquisa temática nos museus, e num sentido ainda mais restrito. A Museologia é um novo ramo de pesquisa, e, a despeito de sua justificativa lógica, ainda deve lutar por seu lugar no museu e entre as demais ciências.

Que metas possíveis podem ser estabelecidas para a Museologia em futuro próximo? Em breves palavras, as seguintes:

1. Os estudos sobre desenvolvimento museológico devem ser objetivo de cada museu - de acordo com suas necessidades, e também sistematicamente. Para a pesquisa museológica sistemática, se deveria, em futuro próximo, [criar] um instituto de pesquisa em cada país. Uma instituição que pudesse desenvolver pesquisa museológica intensiva, coordená-la em nível nacional e ser responsável pela cooperação em nível internacional. Como no presente nossos recursos econômicos são restritos, um ou mais centros internacionais para estudos museológicos sob [a égide d]o ICOM facilitariam a realização de projetos integrados de pesquisa e [permitiriam] amplo intercâmbio de conhecimento e de idéias entre as

⁴ [N.T.] grifo nosso.

fronteiras.

2. Uma discussão científica sobre a Museologia e seus problemas deveria desenvolver-se para além do que já foi realizado - alcançando, sobretudo, todos aqueles que possam fazer uso dela: os curadores de todo o mundo. Teses, artigos, livros, deveriam ser incluídos no debate e ser rapidamente divulgados. Não grandes e pretensiosas enciclopédias que demandam tempo e recursos econômicos, mas simples documentos de trabalho com um conteúdo factual. Um manual de Museologia, editado internacionalmente, seria de grande ajuda a todos os curadores. Ele não necessitaria apresentar um panorama completo e final [do campo] - o mundo está mudando rapidamente e também os museus -, mas deveria ser editado o mais rapidamente possível, ser o mais barato possível e ser continuamente implementado.
3. Finalmente, há extrema urgência em formação museológica. Ela deveria ser oferecida àqueles que, após qualificar-se em suas próprias disciplinas, desejam trabalhar em museus. Aqui, as universidades têm uma importante missão, que deveria ser considerada pelos centros de museologia. Não é necessário dizer que ambos deverão trabalhar em cooperação. A formação, entretanto, não deve restringir-se àqueles que se preparam para trabalhar em museus. Os que já trabalham no meio deveriam também ter oportunidade de obter formação continuada. Os museus, por seu lado, devem estimular a formação de seus empregados, de preferência em cooperação mútua e em associação com centros museológicos e/ou universidades. A formação em Museologia, juntamente com estudos sobre o campo, deveria ser considerada como matéria em toda universidade que ofereça qualificação em áreas ligadas a museus, ou pelo menos em uma universidade em cada país. Um planejamento coordenado de currículo e publicação de livros-texto e material didático facilitaria o início destas atividades. A formação museológica organizada em nível internacional, isto é, nos já propostos centros museológicos, seria uma contribuição positiva para a solução deste vasto problema. Sendo internacionais, tanto em termos de docentes como de estudantes, estes centros promoveriam ao mesmo tempo o intercâmbio de idéias e a cooperação entre nações, tornando mais eficiente o desempenho dos museus no mundo moderno.

O objetivo - pesquisa em e sobre o Museu em todo museu

A pesquisa científica nos museus é uma das tarefas primordiais, uma necessidade óbvia. É tão óbvia que já não pode ser restrita apenas às coleções de um museu específico. Mas, para os museus e a sua organização, não é menos importante o desenvolvimento de trabalhos no campo museológico, bem como de pesquisas sobre os museus.

Apenas a pesquisa em museus que abranja esses dois aspectos - a pesquisa disciplinar e a pesquisa museológica - poderá possibilitar que os museus ocupem seu lugar na sociedade de hoje. ■